

PERCURSO DE HERDEIRO: *ALMANAQUE* — *CADERNOS DE LITERATURA E ENSAIO*¹

Renata Telles²

O tempo do "aprender a viver", um tempo sem presente tutor, consistiria nisto, o exórdio nos encaminha para isto: aprender a viver com os fantasmas, no encontro, na companhia ou no corporativismo, no comércio sem comércio dos fantasmas. A viver de outro modo e melhor. Não melhor, mais justamente. Mas com eles. Não há estar-com o outro, não há socius sem este com que para nós, torna-se o estar-com em geral mais enigmático do que nunca. E este estar-com os espectros seria também, não somente, mas também, uma política da memória, da herança e das gerações.

Jacques Derrida



Ao entrar para o projeto "Poéticas contemporâneas", recebi a tarefa de indexar e analisar *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio*, revista organizada por Walnice Nogueira Galvão e Bento Prado Jr., durante os anos de 1976 a 1982.

A primeira parte do trabalho possuía regras claras e rígidas, comuns a todos os pesquisadores do projeto, às quais devia adaptar o meu objeto para incluir a variedade de assuntos e textos, que percorre as páginas dos quatorze números da revista, no banco de dados informatizado: classificando os tipos de texto, resumindo-os, atribuindo-lhes palavras-chave, destacando os colaboradores e listando os autores citados.

O minucioso trabalho de fichamento da revista deu visibilidade a uma maioria absoluta de ensaios, nos quais a presença da literatura, seguida de perto pela filosofia, é esmagadora. Uma revista escrita por críticos literários brasileiros do porte de Roberto Schwarz, Lúcia Chiappini Moraes Leite e Walnice Nogueira Galvão, e que não traduz

¹ Texto apresentado na defesa da dissertação de mestrado "Glória póstuma: Almanaque objeto de estudo", em 19 de novembro de 1999, perante a banca composta pelas professoras doutoras Eneida Maria de Souza (UFMG), Ana Luiza Andrade (UFSC) e Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC — orientadora).

² Doutoranda em Teoria Literária — UFSC.

crítica literária. Um conjunto que se agrupa sob as palavras-chave "crítica", "literatura" e "ideologia", e que cita, recorrentemente, Antonio Candido e Adorno.

Terminada a indexação, terminavam as regras. Devia agora ultrapassar a descrição desenhada pelos dados extraídos dos 160 artigos. Devia aprender a ler com *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio*, a responder as perguntas que o material me fazia: como articular uma miscelânea, como combinar ensaios de crítica literária, ficções, poesia, manifestos e produzir uma dissertação? Como organizar um relato a partir de tantos fragmentos? Como fugir da descrição óbvia de uma revista acadêmica, que marca claramente o lugar de professores de uma universidade central em um país periférico, a Universidade de São Paulo, e que explicita a linha de análise sociológica da literatura? Como enfim aprender a viver com *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio*?

O material que me fazia tantas perguntas também continha respostas. O aparentemente múltiplo da miscelânea dirigia o meu olhar para os textos que fugiam à classificação do banco de dados, discursos irônicos e satíricos que se apresentavam como ensaios, manifestos, cartas, resenhas, jogos e quebravam a previsibilidade da escrita acadêmica. A diversidade desses textos produzia, por sua vez, um enunciado único que deslegitimava um opositor e estabelecia relações com densos ensaios críticos que legitimavam um exemplo.

Concentrados nos sete primeiros números da revista, que circularam nos anos de 76 a 78, esses fragmentos explicitavam uma pedagogia da guerra, na qual o adversário não falava com a própria voz, era caricaturado, em que o manifesto calava a polêmica e definia um modelo e um antimitelo. Esse pequeno conjunto de textos compunha uma narrativa das aventuras e desventuras da crítica literária brasileira no final dos anos 70, do estruturalismo e da dialética sociológica, da indústria cultural e do lugar da literatura.

Para aprender com *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* era preciso mais do que encontrar uma narrativa organizada com título, enredo, protagonistas e antagonistas, e analisar suas partes. Era necessário reconhecer nessa narrativa um testamento da crítica literária brasileira e assumir a responsabilidade de herdeiro, ensaiando um diálogo com uma geração que se colocava ao mesmo tempo diante de mim e antes de mim. Para entrar criticamente na narrativa dos grandes, Roberto Schwarz, Lúgia Chiappini Moraes Leite, Walnice Nogueira Galvão, Gilberto Vasconcelos e José Miguel Wisnick, perseguindo a argumentação e propondo contra-

argumentos, tive que esquecer a sua presença na cena contemporânea e o tamanho de sua obra, e me deter unicamente no legado deixado nas páginas da revista.

Traçados todos esses limites e tomadas essas precauções, me aproximo pela extremidade, pelo título estampado na capa: *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio*. Uma escolha deliberada que põe em movimento todos os sentidos e histórias do nome e determina uma direção para a narrativa que nomeia. O *almanaque* controla o tempo e a dívida na antiguidade, a vulgarização do conhecimento racional e científico da enciclopédia moderna, a popularidade dos conselhos úteis, informações e entretenimento, a circulação e o alcance das revistas de variedades da indústria cultural. Os cadernos de literatura apontam para o território das belas letras, a separação entre a literatura e o *almanaque*, a defesa da hierarquia e da diferença entre a alta cultura e a indústria cultural. O ensaio convoca a escrita híbrida, entre arte e ciência, escapando da classificação inequívoca e conclusiva do saber científico e da facilitação do *almanaque*.

A convivência da matéria perecível da indústria cultural com o valor imperecível da alta cultura, a junção da leitura facilitada e divertida com a escrita reflexiva e crítica, a escolha de um oxímoro como título, mantém presente a tensão entre os opostos contidos no mesmo nome e revela uma percepção aguda das transformações que afetam diretamente o lugar e a função do crítico literário: a de legislar valores e separar o *almanaque* dos cadernos de literatura e ensaio.

O efeito de indeterminação e indefinição causado pela aproximação do *almanaque* e dos cadernos de literatura e ensaio, do erudito e do popular, na crítica literária do final dos anos 70, provoca uma reação que coloca em movimento valores, estratégias de ataque e defesa, de exclusão e inclusão, definindo posições no novo cenário diagnosticado. Procuro então a postura e as estratégias discursivas da crítica de *Almanaque* diante do fato anunciado pelo título.

A narrativa dos cadernos é inaugurada por um ensaio que define a diferença entre o *almanaque* e a literatura. Ao analisar *Helena*, Roberto Schwarz³ distingue a "grande literatura" do folhetim de Machado de Assis, estabelecendo como critério de valor a denúncia da contradição entre ideologia dominante e realidade social na forma literária. Sem negar o valor do denso ensaio de Schwarz, que privilegia a leitura da

³ SCHWARZ, Roberto. "Só as asas do favor me protegem". *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 1. São Paulo: Brasiliense, 1976. Um ano mais tarde, o ensaio aparece como um capítulo do livro *Ao vencedor as batatas*, com o título "O paternalismo e sua racionalização nos primeiros romances de Machado de Assis".

sociedade, busco respostas para essa crítica privilegiando a leitura que Helena faz da literatura e da possibilidade do falso circular como verdadeiro⁴, encontrando um valor aonde ele havia sido negado e mostrando que uma interpretação de herança nunca é única.

A verdade do critério de valor definido no ensaio inicial é reafirmada pela apresentação de seu oposto. Sob o disfarce de cartas assinadas pelos leitores Rieman Jakobson e W. Benjamin⁵, o *almanaque* guarda para os leitores das suas charadas o prêmio da revelação: o outro de *Almanaque*. Representado como a inversão dos valores defendidos, o antagonista é caracterizado como impostura e erro, como um estruturalista de discurso obscuro e jargão incompreensível, que despreza o leitor e ignora a realidade social.

O devedor assim inscrito no *almanaque*, aquele que não paga tributo e não reconhece o valor estabelecido, movimentando a narrativa mais uma vez e uma recita de sucesso fácil, intitulada "19 princípios para a crítica literária"⁶, precisa a caracterização do impostor local. A crítica brasileira adversária, como o folhetim de Machado de Assis desvalorizado no ensaio inicial, é acusada de importar acriticamente teorias estrangeiras distanciando-se da realidade, e, como o confuso estruturalista das cartas, é denunciado pelo jargão artificial e descompromissado com o social. Uma caracterização ampla o suficiente para conter todas as variantes teóricas que questionam a exclusividade do critério social — Chomsky e Propp, lingüística moderna, new criticism, fenomenologia, teoria francesa, estruturalismo — e reduzida o bastante para conter as diferenças — Afrânio Coutinho e Haroldo de Campos, nomeadamente, e Luís Costa Lima, Silviano Santiago, Affonso Romano de Santana — no mesmo rótulo.

O próximo capítulo da narrativa se organiza em torno de três textos distintos — uma resenha de uma suposta dissertação de mestrado sobre os três primeiros de *Almanaque*⁷, um jogo de vocabulário⁸ e um ensaio de autocrítica⁹ — que afirmam ser o mesmo. O aparente absurdo de tal afirmação se desfaz diante da ridicularização do

⁴ Cf. DERRIDA, Jacques. *Dar el tiempo I. La moneda falsa*. Barcelona: Paidós, 1995.

⁵ "Cartas dos leitores" *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 1. São Paulo: Brasiliense, 1976.

⁶ SCHWARZ, Roberto. "19 princípios para a crítica literária" *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 2. São Paulo: Brasiliense, 1976.

⁷ "Glória precoce: Almanaque objeto de estudo" *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 6. São Paulo: Brasiliense, 1978. A autoria do texto, publicado sem crédito na revista, é assumida por Walnice Nogueira Galvão e Lígia Chiappini Moraes Leite, quando republicado em GALVÃO, W. N. Gatos de outros sacos: ensaios críticos. São Paulo: Brasiliense, 1981.

⁸ "O jogo de almanaque". *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 3. São Paulo: Brasiliense, 1977.

⁹ AGUIAR, Flávio e LEITE, Lígia Chiappini Moraes. "Crítica da 'razão' elitista" *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 3. São Paulo: Brasiliense, 1977.

estruturalismo, da semiologia e do trânsito Europa-Brasil, operada pelo pastiche de resenha, do lugar de perdedor reservado para os que apostam na disseminação dos discursos pelo jogo que se diz "racionalista", e do menosprezo pelos que se prendem aos "limites do texto", explicitado pelo ensaio, representando o adversário, ainda mais uma vez, como desligado da realidade, da racionalidade e da humanidade, e, portanto, irreal, irracional e artificial.

A insistência na exclusão do estruturalismo, sinônimo de teoria acrítica e impostura, a repetição que quer se convencer de que o que se deseja morto está de fato morto, termina por dar visibilidade ao adversário nas páginas de *Almanaque* e por revelar o grande incômodo causado pelo avanço dos que criticam o seu critério de valor, a certeza do compromisso social, que distingue a "grande literatura" e a "verdadeira crítica literária".

Ao lado da univocidade na defesa desse valor, surge uma voz que retoma o impasse do título para problematizar a rígida distinção entre o *almanaque* e os cadernos de literatura e ensaio. Mantendo a validade do critério para denunciar a falsa crítica literária, a autocritica proposta por Lígia Chiappini e Flávio Aguiar reivindica a flexibilização na definição do objeto de estudo, defendendo a necessidade de uma nova postura diante do surgimento das massas, da imprensa independente e do fim do apoio estatal. A rigidez da distinção entre arte crítica e ideologia, que separa a literatura e o *almanaque*, é responsabilizada agora pelo elitismo que exclui o "gosto da maioria". Mantendo afastado o perigo externo, a auto-intitulada "crítica militante" propõe que se olhe para os outros discursos, adaptando-se ao novo cenário detectado precisamente, sem, no entanto, abrir mão da função de "falar pelas massas".

Ao trazer para o centro da narrativa a música popular brasileira, as posições em torno do argumento teórico que sustenta a barreira entre o *almanaque* e os cadernos de literatura e ensaio, indústria cultural e arte, se radicalizam. A importação acrítica de teorias, característica imputada repetidamente ao adversário, é usada por José Miguel Wisnick¹⁰ para mostrar a inadequação da crítica de Adorno às condições locais. Para além da tímida proposta de flexibilização e longe da resistência à ambivalência dos contrários, o professor de literatura se apóia nas palavras de um músico de sucesso e na antropologia para afirmar a possibilidade de arte na indústria cultural e a impraticável separação do *almanaque* e dos cadernos de literatura e ensaio na realidade brasileira.

¹⁰ WISNICK, José Miguel. "Onde não há pecado nem perdão" *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 6. São Paulo: Brasiliense, 1978.

A rebeldia em relação ao critério de valor defendido e demonstrado na narrativa de *Almanaque* não fica sem resposta. Rejeitando qualquer possibilidade de conciliação, Roberto Schwarz¹¹ ergue categoricamente a barreira entre arte e indústria cultural, reafirmando que a função do crítico literário é a de fazer distinção entre *almanaque* e literatura, revelando a falsa aparência democrática do nivelamento na escrita complexa do ensaio que se distancia da facilitação do *almanaque*.

Roberto Schwarz interrompe assim sua participação na revista, os ataques irônicos desaparecem e a música popular nunca mais retorna. Os números seguintes passam a ser temáticos, a capa sofre profundas alterações. A curta narrativa que permitiu a leitura da defesa de uma posição na crítica literária brasileira pelo ataque ao adversário e que apontou para uma aguda percepção do momento através da centralidade do debate sobre arte e indústria cultural, se encerra bruscamente, no momento em que ameaçava perder o rumo definido.

Almanaque — cadernos de literatura e ensaio contém todos os sentidos, os que ele controla e os que ele não controla: o rumo e o ritmo da história no calendário, a lista de devedores no livro de contas; a popularidade, a diversão e a informação; a enciclopédia que expulsa a ambigüidade; o lugar da elite que escreve a leitura facilitada e pedagógica para as massas. *Almanaque* contém os cadernos de literatura e ensaio: as belas letras e a capacidade de discerni-las; o erudito e a arte; o oposto do *almanaque*; a escrita entre a arte e a ciência, argumentação que rechaça o exaustivo e a certeza, o oposto da enciclopédia.

Almanaque dá visibilidade ao complementar e ao antagônico, guarda o *almanaque*, a literatura e o ensaio. As respostas para o crescimento dos *almanques* que desestabiliza os cadernos de literatura são articuladas nos ensaios, que trabalham o limite e a fluidez entre o *almanaque* e a literatura, na resistência, na adaptação e na transformação. Num último lance típico de *almanaque*, a atualidade das questões que movimentam a narrativa poderia ser lida também como um horóscopo. Através do



¹¹ SCHWARZ, Roberto. "Nota sobre vanguarda e conformismo" *Almanaque — cadernos de literatura e ensaio* 7. São Paulo: Brasiliense, 1978. Conforme nota da redação, o texto foi originalmente publicado na revista Teoria e Prática, de 1967.

estudo da posição dos astros num determinado momento e lugar seria possível antever temas centrais do debate atual.

Ao chegar ao final do trabalho, depois de recortar uma narrativa da miscelânea e de ensaiar um diálogo crítico com essa herança, percebo que, em alguns momentos, posso ter colocado a questão em termos de um "Fla x Flu" e assumido a postura do adversário para criticar a revista. Mas gostaria de terminar reconhecendo que além do *almanaque* e dos cadernos de literatura e ensaio a revista continha uma grande lição, através da qual eu aprendi a respeitar a atualidade de sua herança: na sua ridicularização da crítica adversária, ela me alertou para o perigo da adaptação do objeto à teoria e para o equívoco da generalização; na sua prática, ela me chamou a atenção para a leitura do presente no texto.